

AÇÕES EXTENSIONISTAS DO GRUPPA: PARCERIAS COMUNITÁRIAS E INSTITUCIONAIS NA PREVENÇÃO AOS DESASTRES

GRUPPA'S EXTENSION ACTIONS: COMMUNITY AND INSTITUTIONAL PARTNERSHIPS IN DISASTER PREVENTION

Regina Carmela, docente do curso de Psicologia do Unifeso, e-mail: reginacarmela@unifeso.edu.br.

Renata Tavares da Silva Guimarães, docente do curso de Psicologia do Unifeso, e-mail: renataguimaraes@unifeso.edu.br.

Camilla Marra, discente do curso de Psicologia do Unifeso, e-mail: camilla_marra@id.uff.br.

Larissa Alves, discente do curso de Psicologia do Unifeso, e-mail: larissasiqueira681@gmail.com.

Marina Del-Secchi, discente do curso de Psicologia do Unifeso, e-mail: marinadelmar2012@gmail.com.

Veronica Felix, discente do curso de Psicologia do Unifeso, e-mail: veronica.quintas2016@gmail.com.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado é fruto das atividades de extensão desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas e Assistência (GRUPPA), com foco na compreensão da atuação da Psicologia em contextos de Desastres Socioambientais. A proposta visa evidenciar a relevância da pesquisa articulada à prática, por meio de estudos teóricos e resultados das visitas a bairros atingidos pela tragédia de 2011, com vistas a evidenciar as principais intervenções realizadas em contextos emergenciais, assim como contribuir para a formação crítica e prática dos discentes do curso de Psicologia. Objetivo Geral: Analisar as possíveis intervenções da Primeira Ajuda Psicológica (PAP), articuladas ao trabalho multidisciplinar, em contextos de assistência humanitária diante de situações de risco extremo. Metodologia: A pesquisa utilizou estudo bibliográfico temático e inserção no campo, norteado pela cartografia social, complementados por saberes construídos por meio do diálogo com associações de moradores de localidades atingidas e ações multidisciplinares juntamente com a defesa Civil e a Psicologia nas oficinas do PAP para profissionais e comunitários. Resultados: Os resultados indicam que a intervenção psicológica em cenários de desastre é essencial para uma atuação colaborativa e integrada entre as diversas áreas. Aspectos como acolhimento, escuta ativa, empatia, comunicação respeitosa e autenticidade são cruciais para atender às demandas imediatas das pessoas afetadas e apoiar sua recuperação emocional. Importante salientar a importância do papel do psicólogo e como ele pode atuar nestes contextos, utilizando-se das referências técnicas ofertadas, entre outras descritas pelo Conselho Federal de Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia dos desastres; primeira ajuda psicológica; comunidades.

ABSTRACT

The work presented here is the result of research extension activities developed by the Research Group on Public Policies and Assistance (GRUPPA), focusing on understanding the role of Psychology in socio-environmental disaster contexts. The proposal aims to highlight the relevance of research articulated with practice, through theoretical studies and visits to neighborhoods affected by the 2011 tragedy. The main objective is to investigate the main interventions carried out in emergency

contexts, contributing to the critical and practical training of students in the Psychology course. General Objective: To analyze the possible interventions of First Psychological Aid (FPA), articulated with multidisciplinary work, in humanitarian assistance contexts in situations of extreme risk. Methodology: The research used thematic bibliographic study and insertion in the field guided by Social Cartography, complemented by knowledge built through dialogue with residents' associations in affected localities. This paper presents the multidisciplinary work done in conjunction with Civil Defense and Psychology in the PAP workshops and its importance for professionals and community members. Results: The results indicate that psychological intervention in disaster scenarios is essential for collaborative and integrated action among the various areas. Aspects such as welcoming, active listening, empathy, respectful communication, and authenticity are crucial to meet the immediate needs of affected people and support their emotional recovery. The role of the psychologist and how they can act in these contexts, using the technical references offered, among others, by the Federal Council of Psychology, is also discussed.

Keywords: Disaster psychology; Psychological first aid; communities.

INTRODUÇÃO

Em decorrência do episódio de chuvas intensas e atípicas concentradas em um curto intervalo de tempo, ocorrido nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011, a Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro foi severamente afetada por um desastre socioambiental de grandes proporções, considerado, até então, o maior da história do país em letalidade. Passados quinze anos, os impactos desse evento permanecem produzindo efeitos significativos sobre os territórios e as populações atingidas, evidenciando a persistência de múltiplos desafios de ordem social, ambiental e psicossocial. Nesse contexto, o Grupo de Estudos em Psicologias, Políticas Públicas e Assistências (GRUPPA), instituído em 2022, a partir da análise dos resultados de processos investigativos desenvolvidos em projetos anteriores, vinculados ao Programa Institucional de Pesquisa Científica (PICPq) da UNIFESO, retomou o levantamento de temas emergentes discutidos junto às populações participantes dessas pesquisas no período de 2023/2024. Os achados acumulados indicaram: (a) a permanência do sofrimento psicossocial entre os sujeitos atingidos; (b) a percepção de que as ações, os atendimentos e as articulações psicossociais ainda apresentam fragilidades e demandam aprimoramento; (c) o reconhecimento da ação coletiva comunitária, mediada por redes de apoio, como estratégia potente para o acolhimento das dores individuais e a construção de respostas coletivas; e (d) a necessidade contínua de estratégias voltadas à circulação de informações relevantes, à colaboração intersetorial, ao desenvolvimento de projetos conjuntos e à produção de conhecimento comunitário, abrangendo todas as fases do ciclo do desastre, da prevenção à recuperação pessoal, coletiva e material. Diante dessas demandas, o GRUPPA definiu como objetivo, para o ano de 2025, a elaboração de um diagnóstico psicossocial de ações comunitárias e intersetoriais consideradas exitosas desde a tragédia de 2011.

O GRUPPA tem se consolidado por meio de estudos e ações extensionistas voltadas ao aprofundamento da temática e à atuação junto às comunidades atingidas. No percurso em 2025, na busca por compreender os processos de constituição dos modos de vida no pós-desastre, bem como identificar práticas consideradas exitosas pelos sujeitos sociais, o grupo de pesquisa voltou-se à análise de estudos sobre prevenção de desastres e intervenções imediatas. Nesse percurso, o documento de Primeira Ajuda Psicológica foi examinado como referência fundamental para a atuação em contextos de calamidade socioambiental extrema (Costa, 2019; CRP Rio Grande do Sul, 2023).

O presente estudo fundamenta-se em uma revisão de literatura composta por obras sobre saúde mental e artigos científicos relacionados ao conceito de desastre e apoio psicológico em contextos de

desastre. Além disso, objetiva apresentar brevemente o percurso do GRUPPA no decorrer do ano de 2025. Espera-se, com isso, contribuir para o debate público e acadêmico acerca da prevenção e mitigação dos impactos psicossociais de desastres, a partir da construção de um diagnóstico das ações psicossociais comunitárias consideradas exitosas desde a tragédia socioambiental de 2011, sustentado por estudos bibliográficos de referência, levantamento de iniciativas e validação junto aos grupos sociais envolvidos. Os objetivos secundários incluem atualizar os estudos bibliográficos, colaborar com grupos e instituições na criação de estratégias eficazes de comunicação e educação para a gestão de riscos e desastres.

SOBRE O CONCEITO DE DESASTRE

Historicamente, o conceito de desastre sempre esteve presente nas vivências, nas crenças e no imaginário popular. De acordo com Sandrine Revet (2011), diversas civilizações buscaram explicar acontecimentos trágicos por meio de narrativas religiosas e mitológicas, envolvendo forças divinas ou sobrenaturais, nas quais as catástrofes seriam vistas como calamidades enviadas por um Deus vingativo ou força da natureza, a fim de punir os homens pelas suas condutas em relação ao meio ambiente. Hoje, quando nos apropriamos do termo “desastre” é comum recorrermos ao senso-comum, que se alinha com a definição encontrada em muitos dicionários. Nestes, o termo é frequentemente descrito como “acidente”, elaborado posteriormente como “acontecimento que causa sofrimento e grande prejuízo”, ou ainda como sinônimo de “catástrofe”. No entanto, as concepções apresentadas por estudiosos da área, embora semelhantes, nos revelam diferentes aspectos que afetam diretamente na maneira como lidamos com eventos trágicos.

De acordo com Dutra (2011), os desastres podem ser divididos entre os humanos/antropogênicos ou naturais. O primeiro seria aquele que acontece em decorrência da atividade humana em contato com a natureza, como nos casos de contaminação das águas, rompimento de barreiras, incêndios propositais, entre outros. Já o segundo, provenientes dos fenômenos da natureza, como chuvas, tremores, ventos, etc. Ainda no campo dos desastres naturais, Revet (2011) dá destaque ao que afirma ser um questionamento dos estudiosos, desde a década de 70: a causalidade das catástrofes devem ser buscadas nas próprias sociedades que as ocasionam, não num contexto externo, ou seja, define a crescente dos desastres tidos como “naturais” como provenientes do aumento da degradação da natureza causada pelos próprios homens, o que culmina na afetação das sociedades, marcadas intrinsecamente por processos históricos, políticos e econômicos, muitas das vezes mais vulneráveis e suscetíveis a esses eventos. Este ciclo infundável de degradação da natureza e tragédias na sociedade torna o termo “desastres socioambientais” mais coerente, uma vez que um desastre exclusivamente natural afetaria apenas a natureza, que é capaz de se regenerar por conta própria, sem qualquer interferência humana — como por exemplo, o rolar de uma pedra do alto de uma montanha. Caso esta não afete qualquer cidade ou povoado, a vegetação e a fauna irão se recompor com o tempo, de forma orgânica. No caso dos desastres socioambientais, há essa correlação da atuação do homem e a forma como ele afeta e é afetado pela natureza.

Na perspectiva de Fernández (2007), o que se concebe como desastre pode ser dividido em três instâncias: as emergências, os desastres e as catástrofes. As emergências referem-se aos eventos ocorridos de baixa magnitude, que podem ser assistidos por equipes locais e de fácil acesso, como médicos e bombeiros (um exemplo seriam os acidentes de trânsito). Já um desastre exige uma mobilização mais ampla das equipes de socorro e um investimento maior de capital, sendo responsável por um número mais alarmante de atingidos ou de prejuízos. Por fim, a catástrofe representa a maior magnitude, que demanda apoio nacional e/ou internacional para a gestão da crise.

Por outro lado, Quarantelli (2015), ressalta a dificuldade dos pesquisadores em chegar em apenas um conceito de desastre. Parte desta dificuldade, além de envolver as narrativas pessoais e culturais de cada grupo social, também está atrelada aos parâmetros estabelecidos por cada Estado, posto que a definição de um desastre também influencia nas providências a serem tomadas uma vez que ele aconteça.

A compreensão do conceito de desastre, contudo, não se apresenta de forma consensual. Conforme destaca Quarantelli (2015), a dificuldade em estabelecer uma definição única decorre tanto da diversidade de narrativas pessoais, culturais e sociais envolvidas, quanto dos parâmetros institucionais adotados pelos Estados, uma vez que a forma de conceituar o desastre influencia diretamente as respostas, as políticas e as providências a serem implementadas após sua ocorrência.

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CAMPO DOS DESASTRES SOCIOAMBIENTAIS

A partir desse cenário, a consolidação da Psicologia dos Desastres como campo de estudos ganhou maior visibilidade a partir dos anos 2000. Em 2002, realizou-se, em Lima, o Primeiro Congresso de Psicologia das Emergências e dos Desastres, acompanhado da criação da Fundação Latino-Americana de Psicologia das Emergências e dos Desastres (Paranhos; Werlang, 2015). Eventos de grande magnitude, como o tsunami asiático e o furacão Katrina, ambos em 2004, contribuíram para ampliar o debate internacional. Em 2005, foi instituído o Marco de Hyogo, plano global voltado à redução de riscos de desastres, com metas estabelecidas até 2015. No contexto brasileiro, o I Seminário de Psicologia das Emergências e dos Desastres ocorreu em 2008, seguido pela Primeira Conferência Nacional de Defesa Civil, em 2010. As chuvas intensas de 2011, responsáveis pela tragédia na Região Serrana do Rio de Janeiro, reacenderam as discussões acerca da atuação do psicólogo em situações de desastres naturais. Em 2012, esse movimento resultou na criação da Política Nacional de Proteção e Defesa Civil e do Plano Nacional de Gestão de Riscos e Respostas a Desastres Naturais. O ano de 2015, foi marcado pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), e pela adoção do Marco de Sendai (2015–2030), sucessor do Marco de Hyogo, durante a III Conferência Mundial sobre Redução do Risco de Desastres. Em 2019, o rompimento da barragem em Brumadinho (MG) evidenciou, novamente, os graves impactos psicossociais decorrentes de desastres tecnológicos, com o surgimento de sintomas psiquiátricos, tais como transtorno de estresse pós-traumático, transtornos depressivos e de ansiedade, além do agravamento de quadros de ideação suicida, automutilação e distúrbios do sono, conforme dados autorrelatados (Garcia *et al.*, 2022). Mais recentemente, as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, em 2024, recolocaram em pauta a urgência dos cuidados com a saúde mental das populações afetadas. Embora ainda haja escassez de estudos específicos sobre os impactos psicossociais desse evento, fatores como óbitos, sequelas físicas, doenças transmissíveis, exposição à água contaminada e outros agravos à integridade física configuram elementos potencialmente desencadeadores de sofrimento psíquico (Duarte *et al.*, 2025). À luz dessa trajetória, observa-se que a Psicologia dos Desastres vem se afirmando como um campo fundamental na reconstrução de territórios e modos de vida, ampliando seu escopo para além do acolhimento imediato, ao incorporar ações preventivas e de fortalecimento comunitário.

A PRIMEIRA AJUDA PSICOLÓGICA – PAP – UMA FERRAMENTA COMUNITÁRIA E INSTITUCIONAL

A Primeira Ajuda Psicológica (PAP) constitui-se como uma abordagem fundamental em contextos de desastres socioambientais, ao priorizar medidas imediatas de proteção, cuidado e atenção às populações em situação de risco. Estudos indicam que o Primeiro cuidado psicológico é uma das

principais ações possíveis para contribuir na redução de danos em caso de desastres. Em tais cenários, a rapidez das respostas é decisiva para reduzir perdas humanas, materiais e psicossociais, bem como para mitigar os impactos traumáticos de longo prazo (THORMAR, 2015). O PAP visa favorecer a estabilização parcial do funcionamento físico, cognitivo, emocional e social dos indivíduos afetados, configurando-se como uma estratégia essencial nos momentos iniciais da crise.

Em situações de catástrofe, as perdas materiais e imateriais comprometem a saúde mental, as relações sociais e os meios de subsistência das populações atingidas, evidenciando a relevância de intervenções psicossociais precoces (BEJA *et al.*, 2018). A atuação em desastres demanda abordagens metodológicas amplas e interdisciplinares, capazes de auxiliar tanto a compreensão da magnitude do evento quanto a reorganização cultural e comunitária dos territórios afetados, por meio da comunicação ativa e da articulação entre diferentes setores sociais (BEJA *et al.*, 2018).

Embora os estudos sobre intervenções psicológicas em desastres tenham se consolidado ao longo do século XX, foi a partir da década de 1990 que os Primeiros Socorros Psicológicos passaram a ser sistematizados e difundidos, especialmente por instituições como a Cruz Vermelha, com destaque para o Centro de Apoio Psicológico de Copenhaga (BEJA *et al.*, 2018). Esses avanços reforçaram o papel do PAP na coleta de informações para a avaliação das necessidades, medos e emoções das populações atingidas, possibilitando a identificação dos grupos mais vulneráveis e o encaminhamento adequado para triagem e apoio.

A literatura destaca ainda a importância da comunicação comunitária, da participação social e da articulação com associações locais como estratégias para o atendimento das demandas iniciais e para a prevenção de futuros eventos, reconhecendo os determinantes sociopolíticos envolvidos na redução de danos (CFP, 2011). Nesse sentido, a solidariedade e a participação construtiva nos processos decisórios coletivos são compreendidas como elementos centrais na promoção da cidadania e da autonomia dos sujeitos (ELMOSE; ROTH, 2005).

BEJA *et al.*, (2018) ressaltam que a Primeira Ajuda Psicológica não deve assumir caráter invasivo, nem substituir a intervenção psicoterapêutica. Sua aplicação não exige formação acadêmica específica, podendo ser realizada por profissionais, trabalhadores de contextos de emergência e pessoas previamente capacitadas (). A PAP deve ocorrer em espaços seguros e adequados, como centros comunitários, unidades de saúde e escolas, respeitando diretrizes éticas, culturais e técnicas. Por fim, a literatura aponta a necessidade de planos nacionais transdisciplinares de resposta a eventos traumáticos, compreendendo a intervenção psicológica como responsabilidade pública, política e social, capaz de fortalecer ações coletivas e comunitárias antes, durante e após os desastres (BEJA *et al.*, 2018).

Sendo assim, a Primeira Ajuda Psicológica torna-se uma potência no campo de catástrofes, com metodologias de atuação adequadas para fornecer apoio às vítimas. Com base na literatura especializada, como, por exemplo, o *Guía práctica de salud mental en desastres*, de Rodriguez, Zaccarelli Davoli, Pérez (2009), e o *Guía del IASC sobre Salud Mental y Apoyo Psicosocial en Emergencias Humanitarias y Catástrofes* (IASC *et al.*, 2007), torna-se claro que o acompanhamento deve ser realizado em locais seguros e distantes do ocorrido, para que os atingidos possam ser ouvidos, favorecendo o atendimento e o registro de suas necessidades, enfermidades e patologias.

Ao basear-se em referenciais como Davoli e Pérez (2009) e nas diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (CFP), foram realizadas visitas a bairros atingidos, parceria com a Secretaria de Defesa Civil para colaboração na implementação dos NUPDECs (Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil), conversas com comunitários e introdução a formações do PAP para que os atores locais possam vir a ter uma atuação imediata e alinhada aos direitos humanos. Essa perspectiva não apenas preenche uma lacuna assistencial, mas cumpre um imperativo ético-social: garantir que

populações em situação de vulnerabilidade tenham acesso a suporte emocional em suas horas mais críticas, transformando a academia em agente ativo na promoção de políticas públicas efetivas e na construção de territórios mais potentes.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido ao longo de onze meses, tendo início em fevereiro de 2025 com encontros semanais promovidos pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia, Políticas Públicas e Assistência (GRUPPA), vinculado ao Departamento de Pesquisa e Extensão (DPPE) e ao curso de Psicologia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Nesse percurso, realizou-se revisão bibliográfica com ênfase em produções publicadas nos últimos dez anos no campo da Psicologia dos Desastres, especialmente aquelas relacionadas a eventos decorrentes de chuvas intensas e deslizamentos de terra no estado do Rio de Janeiro, bem como a estudos que abordam a compreensão e as concepções do termo “desastre”. Para tanto, foram utilizadas como fontes a biblioteca institucional e as bases de dados acadêmicas SciELO e PePSIC. Os materiais selecionados foram analisados, sistematizados e discutidos nos encontros do grupo, resultando na elaboração de resumos científicos apresentados na Pré-Mostra Regional de Psicologia (2025/1) e na Mostra Regional de Psicologia (2025/1).

O referencial teórico construído ao longo desse processo orientou os encontros etensionistas com lideranças comunitárias de bairros atingidos pelo evento de 2021, tais como Caleme, Posse, Campo Grande, Coreia e outras localidades do município de Teresópolis, bem como com a equipe responsável pela gestão da Secretaria Municipal de Defesa Civil. As visitas às lideranças comunitárias fundamentaram-se nos pressupostos da cartografia social, compreendida como um método capaz de apreender os territórios em suas dimensões físicas, simbólicas e existenciais (Alarcon, 2017; Kastrup *et al.*, 2009; Quarantelli, 2015). Após cada encontro, foram elaborados relatórios a partir dos registros realizados em cadernos de campo.

A pesquisa tem como objetivo compreender, à luz da experiência traumática, os processos de constituição dos modos de vida no pós-desastre, bem como identificar ações consideradas exitosas pelos sujeitos sociais. Para isso, adotou-se o método cartográfico (Kastrup, 2019), que privilegia a escuta ativa e a coleta de relatos orais como estratégias para acessar as dimensões existenciais, simbólicas e físicas dos territórios. Tal abordagem pressupõe uma escuta qualificada, voltada à compreensão do que é expresso pelo outro, buscando evitar julgamentos ou avaliações prévias. A abertura para esse tipo de escuta promove não apenas o enriquecimento e a sensibilidade daquele que escuta, mas também processos de transformação nos sujeitos que são escutados (Moura; Giannella, 2016). A escuta ativa, entendida como prática dialógica e relacional, constitui-se como elemento central da investigação. A cartografia dessas dimensões territoriais, a partir dos relatos produzidos, possibilitou a construção de um mosaico interpretativo das ações, percepções e experiências comunitárias desenvolvidas desde a tragédia.

Trata-se de uma pesquisa de natureza participativa, ancorada em princípios da pesquisa-ação, cujo desenho metodológico mobiliza estratégias de intervenção psicossocial em uma perspectiva interdisciplinar e horizontal, tanto na preparação das equipes quanto na condução dos encontros com os grupos e indivíduos envolvidos. A investigação é conduzida por meio do diálogo e da coleta de relatos individuais e coletivos, realizados em encontros presenciais orientados por eixos temáticos previamente definidos.

O recrutamento dos participantes ocorreu por meio do método de amostragem em “bola de neve”, baseado em Coleman, (1958) referência no método, no qual os primeiros colaboradores, identificados a partir da rede de contatos dos pesquisadores e integrantes do grupo indicam outros sujeitos com perfil semelhante, ampliando progressivamente o conjunto de participantes da pesquisa.

Não foram aplicados questionários estruturados. A estratégia metodológica privilegiou a realização de encontros presenciais com pessoas interessadas em relatar e refletir sobre as ações desenvolvidas em seus bairros ou localidades. Desse modo, adotou-se uma conversação não roteirizada, inspirada na metodologia etnográfica (Coldibeli e Paiva, 2024) com registros realizados em cadernos de campo. As conversas temáticas puderam ser gravadas em áudio, mediante consentimento prévio dos participantes.

Os dispositivos metodológicos empregados pautaram-se na flexibilidade, criatividade, plasticidade, adaptabilidade e elasticidade dos grupos, acompanhando as especificidades dos encontros e dos contextos investigados. Na pesquisa participante, pesquisadores e colaboradores atuam conjuntamente na construção de explicações para os problemas identificados, bem como no planejamento e na execução de ações voltadas à transformação da realidade vivenciada (Campos, 2006).

O desenvolvimento da pesquisa compreendeu as seguintes etapas: (1) atualização e alinhamento da equipe de pesquisa por meio de estudos dirigidos sobre a temática (duração aproximada de um mês); (2) realização de encontros com lideranças comunitárias e grupos sociais para escuta qualificada, introdução ao PAP e diálogo acerca do cenário atual; e (3) sistematização dos resultados obtidos, com vistas ao mapeamento de ações consideradas exitosas e à identificação das demandas contemporâneas nas zonas urbana e rural do município de Teresópolis.

RESULTADOS

A análise dos dados fundamentou-se na utilização da intervenção psicossocial (Carvalho e Matos 2016) e do diagnóstico participativo, ferramenta metodológica que visa auxiliar na identificação e no delineamento de problemas ao longo do processo investigativo, bem como possibilitar a triangulação de informações, ampliando a confiabilidade dos resultados. Esse dispositivo favorece a adoção de métodos mistos na coleta e interpretação dos dados, além de promover a reflexão coletiva sobre ações potencialmente capazes de enfrentar os desafios identificados, conferindo ao processo e aos resultados relevante contribuição social para os participantes.

De acordo com Carvalho e Matos (2016), os modelos de intervenção psicossocial estruturam-se, de modo geral, em três etapas principais: (a) avaliação, (b) intervenção e (c) finalização ou referência. Tais etapas orientaram o alcance dos objetivos específicos da pesquisa, a saber: (a) identificação e reconhecimento de ações comunitárias e intersetoriais propositivas no contexto atual; (b) validação coletiva das ações mapeadas; e (c) organização documental e sistematização da progressão dos encontros realizados.

O uso de práticas em emergências e desastre pode ser muito útil, não apenas por permitir acolher um número maior de pessoas em sofrimento, mas também por ajudar no fortalecimento dos laços entre aqueles que viveram experiências parecidas. Ao promover o apoio mútuo e o sentimento de pertencimento, essas ações ajudam a reduzir a angústia, facilitam a expressão das emoções e contribuem para que a comunidade se sinta mais unida e fortalecida para seguir em frente (Fernandez, 2007).

Um dos principais desafios enfrentados no campo é a retirada ou distanciamento do papel comunitário da história dos desastres e dos planejamentos governamentais. Segundo os estudos críticos e os diálogos com as lideranças locais, devem ser levadas em consideração as vivências, os saberes locais e os hábitos culturais presentes no território (SINDEC, 2011; Paranhos, 2015; Valero, 2017; CFP, 2021; Garcia, 2022), de forma que ferramentas como rotas de fuga, alertas de sirenes, barragens e contenções, demolições e interdições, pontos de refúgio e abrigos conversem com o que é ou foi experienciado pela comunidade. Por maiores que sejam os esforços para atender à população, a insegurança ainda está presente no dia a dia — muitos dos planos estruturados não estão integrados

entre os órgãos e as comunidades, o que demonstra a necessidade de ajustes, diálogo e implementação efetiva ou na forma que deveriam ser.

Como foi relatado em reunião com a Secretaria de Defesa Civil de Teresópolis também pelos moradores dos bairros visitados, um dos principais fatores que provocam a baixa adesão aos planos de contingência e evacuação é a discrepância entre a simulação idealizada e o evento verdadeiro, tornando baixa a credibilidade e confiabilidade da população em relação às políticas públicas e as ferramentas implementadas. Há também uma desconexão entre o que é perpetuado culturalmente — como, por exemplo, a ideia de que, caso um indivíduo deixe sua casa durante um momento de instabilidade meteorológica, ele jamais irá conseguir retornar — e a falta de atividades (ou adesão à elas) com o propósito de divulgar a motivação e funcionamento das tecnologias propostas. Em suma, neste aspecto, é perceptível e constante a deficiência na conversação entre moradores e órgãos municipais, embora a Secretaria de Defesa Civil do Município de Teresópolis realize esforço contínuo para reativação dos NUPDECs, formação de lideranças e ações nos bairros.

Nesse sentido, o GRUPPA em parceria com a Defesa Civil aplicou duas oficinas de introdução à Primeira Ajuda Psicológica (PAP). A primeira oficina ocorreu no bairro da Coreia e estiveram presentes, como estratégia de capacitação comunitária e de formação dos agentes da Defesa Civil, agentes da Defesa Civil, agentes da Saúde e comunitários dos NUPDECs. A segunda oficina teve 37 participantes incluindo lideranças de diferentes bairros, agentes de saúde, estudantes da UNIFESDO. As oficinas visaram ao fortalecimento das respostas psicossociais em contextos de risco e desastres. Para o acompanhamento do processo, foram utilizadas metodologias qualitativas, tais como conversas individuais e em grupos focais, observação participante e elaboração de relatos em cadernos de campo, possibilitando a compreensão ampliada das dinâmicas comunitárias e institucionais envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços já conquistados e os estudos em andamento mostram que é possível construir abordagens mais eficientes e humanizadas. É fundamental reconhecer o potencial da Psicologia dos Desastres como promotora de escuta, vínculo e reconstrução, colaborando para o enfrentamento dos desastres. Desse modo, o estudo da temática ao longo da formação acadêmica, a articulação multidisciplinar e a valorização dos saberes comunitários se apresentam como itens primordiais para ampliação da atuação psicológica nos territórios afetados.

No campo extensionista a participação ativa das lideranças comunitárias nos encontros nos bairros Caleme, Coreia, Posse e Campo Grande revelou-se elemento central para o êxito das ações, uma vez que essas lideranças integraram os espaços de diálogo e manifestaram interesse na continuidade das atividades promovidas pelo GRUPPA. Os resultados observados indicam impactos psicossociais relevantes, expressos no fortalecimento dos vínculos comunitários e institucionais, no aumento da autonomia e da participação social, na ampliação da percepção sobre as ações possíveis em situações de desastre e no desenvolvimento de redes locais de apoio. Tais evidências apontam para a efetividade da PAP como ferramenta de mobilização, prevenção e fortalecimento comunitário nos territórios afetados e o crescimento da atuação do GRUPPA em busca de ações exitosas, registros de ações e divulgação científica.

No fechamento do ano foi realizado o evento extensionista no campus Quinta da Unifeso com a Defesa Civil, lideranças comunitárias, estudantes da Unifeso, professores e comunidade para aplicação da Oficina PAP e rastreamento de ações exitosas. O evento reuniu aproximadamente 40 pessoas. No próximo ano planejamos ampliar a aplicação das oficinas PAP e contribuir com as ações comunitárias e institucionais na cidade de Teresópolis.

REFERÊNCIAS

- ALARCON, Sérgio. Saúde Pública, Saúde Mental e a Lógica Ampliada ad Redução de Danos. In: **Saúde Mental para atenção básica**. Nina Soalheiro (Org.). 2017
- FERNÁNDEZ, J. M. Introducción. In: FERNÁNDEZ, J. M. **Apoyo psicológico en situaciones de emergencias**. Madri: Psicología Pirámide, 2007. p. 19–27.
- COLDIBELI Larissa Pimenta; PAIVA, Fernando Santana (2024). A pesquisa como experiência compartilhada: reflexões a partir de uma etnografia multilocal. *PSI UNISC*, 8(2), 22-38.
- COLEMAN, James (1958). *Relational analysis: The study of social organizations with survey methods*. **Human Organization**, 17, 28-36
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA; CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS – CREPOP. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na gestão integral de riscos, emergências e desastres**. 1. ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2021. 96 p. ISBN 978-65-89369-01-1.
- KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da; PASSOS, Eduardo (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- GARCIA, Frederico Duarte *et al.* Prevalence of psychiatric symptoms and associated factors in the adult population from the area affected by the tailings dam rupture –Brumadinho Health Project. **Revista Brasileira De Epidemiologia**, v. 25, e220011, 2022. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/1980-549720220011.supl.2>>. Acesso em: 19 de julho de 2025.
- PARANHOS, Mariana Esteves; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Psicologia nas emergências: uma nova prática a ser discutida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 557–571, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-370301202012>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- QUARANTELLI, Enrico Louis. **Uma agenda de pesquisa do século 21 em ciências sociais para os desastres: questões teóricas, metodológicas e empíricas, e suas implementações no campo profissional**. Tradução: Raquel Brigatte. O Social em Questão - Ano XVIII - no 33. 2015. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_33_o_Quarantelli.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.
- RENET, Sandrine. Penser et affronter les désastres : un panorama des recherches en sciences sociales et des politiques internationales. **Critique internationale**, n. 52, p. 157–173, jul./set. 2011. Disponível em: https://shs.cairn.info/article/CRII_052_0157. Acesso em: 26 abr. 2025.
- SISTEMA NACIONAL DE DEFESA CIVIL - SINDEC (Teresópolis - RJ). Defesa Civil. Tipificação: NI-GDZ, 13.301. Escorregamentos ou deslizamentos. 12/01/2011. **Avaliação de Danos**, [S. l.], 2011.
- VALERO, Santiago. **Primera ayuda psicológica**. In: RODRÍGUEZ, Jorge; ZACCARELLI DAVOLI, Mônica; PÉREZ, Ricardo (Ed.). Salud mental em desastres. Washington, D.C.: OPS/OMS, p. 128, 2009.
- VASCONCELOS, Ticiania Paiva; CURY, Vera Engler. **Atenção psicológica em situações extremas: compreendendo a experiência de psicólogos**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, p. 477-482, 2017.